# D&G\* - 18/12/2015

Dois aspectos muito importantes do projeto de Deleuze e Guattari nos foram a  
pouco revelados: a linguagem e a filosofia da história.  
  
A linguagem do Anti-Édipo é a linguagem dos autos psicanalíticos, da  
literatura e do próprio inconsciente que flui pela boca do patológico. Há um  
estilo por trás da obra, estilo de difícil acesso em um momento complexo. Para  
se entender o obscuro tem que se inserir nele porque uma vez clareado o  
obscuro, ele perde sua natureza. É do relato, do conteúdo e da forma que se  
cristaliza o objeto e a mensagem é dada.  
  
A filosofia da história é a filosofia da história universal da contingência.  
Não é uma história do desenvolvimento, uma história etapista. Não é uma não  
história ou ahistória. É uma história que não se enxerga sobre o tempo  
predominante, mas onde todos os tempos se sobrepõem e coexistem. Há outra  
história, mas é uma mesma história sempre e que tem o peso de uma história que  
aconteceu.  
  
Precisamos pensar no agenciamento da linguagem com o devir, isso de fato  
precisa ser elucidado. Precisamos pensar na história das contingências como um  
ensinamento, como a história. O projeto de Deleuze e Guattari é amplo, extenso  
em sua intensidade e complexo, senão que irrestrito. Fomos seduzidos ou  
passaremos para o próximo?  
  
\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_  
  
\* despedida da filó em 2015 bem econômica. base da argumentação fornecida por Vladimir Safatle a respeito de Capitalismo e Esquizofrenia.